

Isabel Capelo Gil

15-11-2024

Discurso de Tomada de Posse – 3º mandato

**Sobre a curiosidade. Um discurso para a Universidade**

Sr Ministro da Presidência, Prof. Doutor António Leitão Amaro

Sua Eminência Reverendíssima, Magno Chanceler da UCP, D. Rui Valério;

Excelência Reverendíssima, D. Ivo Scapolo, Núncio Apostólico

Excelência Reverendíssima D. José Cordeiro, Arcebispo de Braga

Excelência Reverendíssima D. António Luciano dos Santos Costa, Bispo de  
Viseu

Sr Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas

Senhora Secretária de Estado dos Assuntos Europeus

Srs Reitores e Vice-Reitores de Universidades Portuguesas e internacionais

Antigos Reitores da UCP,

Sr. Presidentes de Câmara,

Srs Embaixadores,

Sr. Diretor-Geral do Ensino Superior,

Senhores Presidentes e Membros de Conselhos de Administração de  
Fundações

Srs. Vice-Reitores, srs. Pró-Reitores, senhora Administradora,

Senhores Membros do Conselho Superior,

Senhores Diretores de Faculdades, Institutos e centros de investigação,

Sra Presidente da Sociedade Científica da UCP,

Senhores Professores,

Senhores Presidentes das Associações de *Alumni*,

Senhores Presidentes de Associações Académicas,

Caros estudantes e colaboradores da Universidade Católica,

Ilustríssimos beneméritos da UCP e convidados,  
Demais autoridades religiosas, civis e militares,  
Minhas senhoras, meus senhores

Por proposta do Magno Chanceler e do Conselho Superior da Universidade Católica Portuguesa, fui renovada como Reitora da Universidade Católica Portuguesa para um terceiro mandato. Quero, por isso, e antes de mais agradecer ao sr D. Rui Valério e aos membros do Conselho Superior, a confiança colocada em mim e na equipa reitoral para continuar a liderar a universidade num tempo tão rico em oportunidade como em desafios. Agradeço a confiança que integra tanto uma apreciação da prestação passada, como uma avaliação do risco futuro. Afirmando que continuaremos com ambição o caminho de contribuir para a transformação do mundo através da ciência e da educação. Como referiu o Papa Francisco no seu discurso neste campus há cerca de um ano, a UCP é uma plataforma de convergência. Ser Universidade Católica significa “que cada elemento está em relação com o todo e que o todo se encontra nas partes”, significa um alinhamento e um propósito comum vertidos na diversidade dos caminhos e das perspetivas das diferentes faculdades e áreas científicas, que de forma policromática respondem, reparam e antecipam as questões e os grandes problemas que ocupam a humanidade.

Neste universo disciplinar colorido, as humanidades e em particular a literatura, a que agora dedicarei alguns instantes, tem vindo crescentemente a ser olhada como basilar de uma certa formação estética que subjaz ao projeto universitário, mas marginal no projeto científico de esclarecimento e transformação. E na verdade, um romance e um poema,

não ensinam a construir pontes ou a fazer cirurgias, mas salvam vidas de outra forma. E como projeto de ‘estranhamento’ do mundo, propiciando um confronto com a complexidade a literatura e as humanidades são vitais para que possamos entender as questões base que estão na origem do impulso científico: O que é, como funciona, para que serve. Ou seja, o que somos, como nos comportamos e porque o fazemos assim, qual é a nossa missão e propósito.

## **1 – Elogio da ficção**

O Papa Francisco na sua ‘Carta Sobre o Papel da Literatura na Educação’ afirma que a literatura é um ‘ginásio do discernimento’ (F,26) que deve ter um papel verdadeiramente central na formação académica e eclesial. Impele-nos a escutar, a aguçar a capacidade de dar sentido à realidade. Matthew Arnold na famosa Rede Lecture, da Univ. Cambridge, em 1882, disse que a literatura é ‘a large word’ que contém ‘the whole world’, nele se incluindo a ciência, a arte, a política, a religião, a organização da sociedade e a diversidade das pessoas. A literatura constitui a primeira plataforma de articulação de sistemas complexos. Por isso, e porque não existe organismo mais complexo do que a universidade, convido-vos a tomar um momento para a partir da literatura apresentar uma visão sobre o que universidade tem de ser.

Olhemos brevemente para duas obras distintas de um certo cânone literário europeu. A primeira é *Robinson Crusoe* ou no seu título original *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe, of York, Mariner: Who lived Eight and Twenty Years, all alone in an un-inhabited Island on the Coast of America, near the Mouth of the Great River of Oroonoque; Having been cast on Shore by Shipwreck, wherein all the Men perished but himself.*

*With An Account how he was at last as strangely deliver'd by Pyrates. Written by Himself (A Vida e as Estranhas Aventuras de Robinson Crusoe, Marinheiro de York, que viveu 28 anos completamente sozinho numa ilha desabitada na Costa da América, junto ao estuário do grande rio Orinoco, tendo lá chegado devido a um naufrágio, em que todos os homens pereceram exceto ele. Inclui o relato de como acabou por ser resgatado por piratas. Escrito por si próprio).* Ao estilo do tempo, o título faz um resumo da ação e publicita a novela. A obra de Daniel Defoe, publicada em 1719, que se tornou um clássico da literatura juvenil de aventuras, não é um mero exercício ficcional de capa e espada para jovens na adolescência. Configura uma história de resiliência e sobrevivência em ambiente adverso, de aprendizagem e adaptação. Sublinha a capacidade de resolução de problemas do homem civilizado num ambiente natural desconhecido e imprevisível e afirmando a superioridade da racionalidade instrumental para a apropriação do mundo. A obra não é alheia aos desenvolvimentos científicos do seu tempo e à transformação da estrutura de sentido propiciada pela emergência do método experimental empírico que Francis Bacon advogara em *Novum Organum* (1620). Em *Robinson Crusoe* deparamo-nos com uma narrativa que assenta na conquista da natureza pela cultura, na superioridade da ciência europeia e do marinheiro treinado sobre as leis da natureza, do europeu face aos seus Outros, como o canibal Sexta-Feira, a quem Robinson, num ato quase demiúrgico, dá simbolicamente a capacidade de ‘falar’: “Friday began to talk pretty well, and understand the names of almost every thing I had occasion to call for”. Na estrutura da narrativa, o companheiro de Robinson, o caribenho Sexta-feira encontra-se ao mesmo nível da natureza selvagem. No alvor da ciência moderna, *Robinson Crusoe* promove o elogio da técnica para controlo da

imprevisibilidade da sorte, quer esta seja de ordem social, cultural ou ambiental, e demonstra como o europeu treinado supera a adversidade: o naufrágio e a inclemência da natureza, e o seu domínio quase natural sobre os Outros não-europeus. Em suma, a racionalidade do europeu e a sua superioridade espiritual asseguram o controlo do mundo.

Cerca de 150 anos mais tarde, em 1862, *Alice in Wonderland* (Alice no País das Maravilhas), um livro adulto escrito para crianças, conta a exploração fantástica de um mundo singular por uma menina curiosa. Publicado sob o pseudónimo de Lewis Carrol pelo professor do Colégio de Christ Church, em Oxford, o Reverendo Charles Dodgson, Alice é uma obra sobre o espanto e a descoberta. A história começa com Alice, sentada ao lado da irmã a aborrecer-se por não ter nada que fazer. Afinal qual era a utilidade de passar a tarde a ler um livro sem imagens nem diálogo. Estava justamente a pensar se valeria a pena levantar-se para fazer um ramo de malmequeres, quando passa a correr à sua frente um coelho branco. Isto não lhe pareceu extraordinário e tão pouco ouvir o coelho branco dizer que estaria atrasado. O que verdadeiramente a fez levantar e correr foi o facto do coelho branco puxar um relógio do colete para ver as horas. Alice, que nunca tinha visto um coelho de colete e tão pouco com relógio, levantou-se de um pulo e ‘a arder de curiosidade’ (*burning with curiosity*) e seguiu-o a correr. Conhecemos o resto da história.

*Alice no País das Maravilhas* retrata uma relação com o mundo baseada na curiosidade e no deslumbramento. Alice é uma insaciável na sua procura de entender um mundo às avessas, onde provavelmente a busca de sentido não faz nenhum sentido. É uma procura marcada pelo espanto e pela curiosidade, que constitui afinal o momento inicial de qualquer processo de indagação. Na origem da filosofia está o espanto, na

raiz da ciência a procura. De forma não convencional, deixando o livro de lado, Alice segue a sua intuição e resolve os enigmas do País das Maravilhas por tentativa e erro, tanto come o biscoito que a faz diminuir de tamanho para atravessar a pequena porta que conduz ao jardim, como bebe o elixir que a faz aumentar de tamanho de forma desproporcional. Na sua aventura conhece personagens coloridas, questiona a aplicabilidade de ideias sem sentido – no chá do Chapeleiro Louco -, contraria e combate a tirania da Rainha de Copas. Para se orientar num universo ilógico, usa a lógica da razão para ultrapassar a desrazão deste mundo literalmente às avessas. A crítica leu a Alice de Lewis Carroll à luz da psicanálise, como um romance de educação (*Bildungsroman*, que ele não é), um comentário crítico do autor ao seu tempo, à época vitoriana e sobretudo ao Movimento de Oxford, encabeçado pelo futuro Cardeal John Henry Newman. Dodgson, um matemático brilhante, foi professor da Univ de Oxford durante 30 anos e um crítico do movimento de transformação que a universidade vivia, a viragem para o modelo humboldtiano de uma universidade moderna de investigação, onde professores e estudantes se reuniam para debater ideias. Sobretudo irritava-se com debates de intelectuais estéreis que satirizou com humor numa série de panfletos. Criticava a opacidade da argumentação e a desvinculação entre a especulação intelectual e a realidade pragmática das coisas. Integrado no Colégio de Christ Church Dodgson dirigia muitas vezes a sua verve crítica contra o reformador da instituição, o Deão do Colégio e pai da verdadeira Alice das histórias, o classicista Henry George Liddell. *Alice in Wonderland* apresenta assim a tensão entre pessoas que olham para o mundo através das ideias, com total desinteresse pela realidade, e a pragmática Alice que coloca esta dissonância em causa. O Chapeleiro Louco, o Cavaleiro Branco, Humpty

Dumpty, a Lebre de Março não são apenas personagens cômicas e loucas mas representam a classe nascente da intelectualidade, pessoas que têm prazer em esgrimir argumentos acerca das coisas independentemente da sua aplicabilidade real.

Robinson Crusoe e Alice no País das Maravilhas apresentam um comentário sobre a modernidade e dois modelos de produção de conhecimento que refletem outras tantas formas de olhar o mundo. O primeiro determina uma relação de apropriação entre o produtor de conhecimento e a natureza, é uma alegoria do abismo cartesiano que vê o sujeito como todo poderoso e a natureza/objeto como espaço a ser apropriado e manipulado. O mundo de Crusoe é um mundo de hierarquias científicas, sociais e culturais. Figura um paradigma tecnocrático que olha a realidade como disponível para ser atravessada e manipulada pelo sujeito e a natureza como secundária à vontade humana. Por sua vez, o que move Alice é a curiosidade imensa pela diversidade, por vezes incompreensível e contraditória do mundo louco do país das maravilhas, que impele à resolução dos enigmas que surgem a cada passo. ‘We’re all mad here’, diz o gato de Cheshire, sugerindo que é a crise de uma autoridade que garanta o sentido do mundo que anima Alice no seu percurso de descoberta empírica. Ao contrário de Robinson Crusoe, no país das maravilhas o argumento racional não resolve as contradições que animam esta realidade. O sujeito não olha a natureza numa ótica de domínio. Pelo contrário, a menina Alice relaciona-se com a loucura das personagens que a convencem da possibilidade da existência de realidades outras além do saber transmitido pela educação formal. O poder da fantasia e a criatividade sobrepõem-se ao argumento racional, à especulação das ideias sem fundamento, que escondem uma crítica ao modelo intelectual

de Oxford. Afinal que saber permitiria aceitar a realidade da existência de um coelho branco de colete?

A literatura oferece espaço para esta indagação, é o lugar onde conhecimento e criatividade se entrecruzam, onde a evidência se cruza com a possibilidade, ao mesmo tempo que oferece um espelho crítico que projeta as contradições do real. Citando Proust, o Papa Francisco olha na sua Carta a literatura como um telescópio dirigido às coisas da vida, criando uma simbologia que instrói um certo sentido sobre a razão de ser do mundo, que aguça o discernimento e abre os leitores à diversidade cultural e às múltiplas formas de convivialidade ao mesmo tempo que alarga a capacidade cognitiva e o pensamento crítico. *Robinson Crusoe* e *Alice in Wonderland* apresentam uma gramática simbólica sobre a forma de nos relacionarmos com o mundo, figurando na verdade as três questões basilares que impelem à construção de conhecimento: O que é, para que serve, como funciona. Trazem-nos, por isso, também um impulso para pensar como deve ser a universidade.

A ideia de universidade na terceira década do século XXI deve ser um espaço radical de experimentação e de abertura a possibilidades que o empirismo limitado parece contrariar. Deverá ser mais Alice do que Robinson, usando o bom senso para navegar o mar amplo da informação e também da desinformação, tendo a coragem de olhar para a loucura que significa o comprazimento em modelos disciplinares transformados em silos, perante a constatação de que os grandes problemas da humanidade – a guerra, a desinformação, a fome, a transição climática – exigem respostas diferentes e um novo pragmatismo. Precisamos de uma universidade infinitamente curiosa, que não se isole na auto-preservação, que acredite que é muito mais o que tem ainda a aprender do que aquilo



que o seu legado protege. Uma universidade que saiba arriscar com ambição e que fomente nos seus estudantes a apetência para se levantarem de um pulo, a arder de curiosidade, e seguir o coelho branco

## **2. A Universidade Católica como estúdio da curiosidade e da inovação ou a universidade na toca do coelho**

Uma universidade assim é empreendedora, incute ambição, aspiração, é projeto e tem projeto. Está segura das suas origens e sabe que o caminho é longo, tem desafios, terá retrocessos, mas sobretudo tem pessoas que acreditam no futuro e em fazer acontecer. A Católica é esta universidade. Tenho o maior orgulho em anunciar que a universidade acaba de ser reconhecida na Web Summit pela StartUp Portugal como a Universidade mais empreendedora do país, pelo número de novas empresas criadas pelos seus alunos e *alumni* no ano passado. Temos em funcionamento 38 unidades de traslação e transferência de conhecimento que se alargam da área de gestão à criatividade digital, e ciências da saúde. O nosso modelo educativo assenta na promoção de programas transformadores, trilhando onde outros nunca pensaram poder caminhar. Destruímos o tabu estatista, criando a primeira Faculdade de Medicina não-estatal, mostramos que podemos fazer ciência de topo a partir de iniciativas inovadoras, como Católica Biomedical Research Center, e unidades de estudos avançados como o LED (Laboratório de Ética Digital) abraçámos grandes projetos de aplicação com o setor empresarial, de que destaco o grande projeto Alchemy da Escola Superior de Biotecnologia, fomentamos a criação de produtos que melhoram a vida na casa comum, como o projeto ReSkin, que pretende desenvolver um substituto de pele humana e que ganhou o Prémio Alfredo da Silva, e promovemos a aceleração de empresas de alunos com ideias e produtos geniais, como a *sense glove* da Glooma, que permite a

deteção precoce do cancro da mama. Internamente criámos 42 novos programas curriculares de grau e apostamos em fomentar a formação para a resolução de grandes problemas como o Programa de Doutoramento em Ecologia Integral e o Programa de Pós-Doc em Desenvolvimento Humano Integral, apoiado pela Fundação Porticus. Ao mesmo tempo, preparámos a universidade para as próximas décadas, efetuando a revisão estruturada dos Estatutos da Universidade, criando uma nova carreira de investigação consignada no ECDIUCP, Estatuto da Carreira Docente e de Investigação da Universidade Católica Portuguesa. Em suma, porque os dados são relevantes, desde 2017, a UCP aumentou em 31% o número de alunos em cursos conferentes de grau, fixando-se agora em 13 250, aumentámos em mais de 110% o número de estudantes internacionais, que agora cobrem 118 nacionalidades distintas. No campo da investigação, registámos 113 novas patentes, triplicámos os prémios científicos, multiplicámos por 2,5 o número de publicações indexadas e por 5 as publicações em acesso aberto, tendo-nos associado à Coara Declaration on Research Assessment, que tem como objetivo considerar modelos de avaliação de ciência em formato crescentemente aberto e não limitado por monopólios editoriais. Por outro lado, aumentámos a retenção de talento e crescemos no número de investigadores que fazem parte do 2% de investigadores de maior impacto a nível global de acordo com o ranking da Univ. Stanford. Acreditamos no acesso global e generalizado aos dados de investigação produzidos com fundos públicos. E porque a integridade científica não é negociável, sobretudo em tempo de integração da inteligência artificial nos modelos de pesquisa, somos signatários da Rome Call on A.I. Ethics.

No contexto da mudança de tempo que vivemos, as universidades devem ter a obrigação de afirmar, sem hesitações, o seu propósito, aquilo

que defendem, para que servem, qual é o seu valor, como o criam e qual o seu verdadeiro contributo para a sociedade, entendida não como ideia abstrata, mas como realidade concreta composta de pessoas individuais com necessidades próprias e nem sempre reconciliáveis.

Ora esta mudança de tempo não deixa de ser desafiante para instituições, como a universidade e está a ocorrer num momento de profunda crise e crítica às tradicionais instituições que asseguram a coerência societal, o Estado de Direito. Esta crítica decorre da perceção de um fracasso sistémico de modelos institucionais fundados na hierarquia e na autoridade para resolver os graves problemas da humanidade e é também suscitada pela mobilização ativista contra combinações sociais, culturais, e também ambientais e económicas, percecionadas como degradantes e injustas. A justiça climática é uma dessas combinações onde os indicadores ambientais estão intimamente ligados à desigualdade social e económica. Vivemos, por isso, um tempo de polarização e conflito e de erosão do valor das instituições (universidade, a Igreja, o Estado, a família), embora saibamos que o desenvolvimento societal e os indicadores que o medem, desde o acesso à educação, à saúde, à justiça, à cultura, a prosperidade económica e social, o respeito pela diversidade cultural e religiosa, dependem da existência e da defesa de instituições sociais robustas. É justamente a demonstração desta evidência que está na base da recente atribuição do Prémio Nobel da Economia a Daren Acemoglu, Simon Johnson e James Robinson.

A Universidade Católica Portuguesa, como instituição da Igreja portuguesa, está alinhada com um modelo de justiça social e de inclusão, o que significa pugnar pelo diálogo em vez da polarização, pela equidade em vez da desigualdade, pela justiça, apostando num projeto de esperança

em prol do bem comum. Esta missão implica diálogo constante e colaboração. Diálogo com as universidades parceiras do CRUP e das várias alianças internacionais e associações em que participamos e que hoje nos dão a honra de estar presentes nesta sessão, no diálogo com as instituições governamentais e da sociedade civil ao nível nacional e internacional.

Ora diálogo não implica necessariamente consenso, porque a universidade não é o espaço do conformismo. O seu universalismo matricial implica abertura a diferentes vozes no seu seio, o que não implica dissenso, mas sim o cultivo da capacidade de divergir e escutar antes de agir. Implica também porosidade, estar atento à sociedade, às suas preocupações. Cultivando um diálogo radical entre saberes, sem perder a especialização, aperfeiçoando a capacidade de dar sentido ao mundo e de resolver a adversidade com que os ecossistemas ambientais, sociais e económicos nos confrontam, a universidade não pode deixar de ser profundamente universalista, com todos os riscos que tal consciência implica.

Esta afirmação reage desde logo contra as duas grandes ameaças com que atualmente a universidade se confronta. A primeira ameaça é a narrativa do securitismo, ou *safetysm*. A doutrina do securitismo reduz a universidade a um espaço intelectual seguro, onde estudantes e professores estão imunizados do risco e do desafio da diversidade. É a universidade dos *trigger warnings*, onde o professor deve proteger o estudante de conteúdos violentos, ameaçadores de uma certa auto-perceção identitária, por exemplo, evitando o confronto com obras filosóficas ou literárias, que possam ser marcadas por códigos culturais distintos do sentimento contemporâneo, sejam esses textos a *Ilíada*, a *Tempestade* de Shakespeare, ou *Huckleberry Finn*. Uma universidade

verdadeiramente universalista é um recetor universal de ideias, um espaço de segurança física dos estudantes, mas de profundo desconforto intelectual. Sem confronto intelectual não há crescimento, não se formam cidadãos aptos a pensar crítica e eticamente a realidade em que se movem. O investigador é justamente aquele que é cultivado uma entropia natural, que não se conforma nem com o conforto do saber verificado, nem com a falsa percepção de disponibilidade do mundo para ser apropriado pela tecnologia, é um peregrino que busca e arrisca.

A segunda ameaça é o comprazimento no sucesso. Tal como assinalei no discurso de tomada de posse em 2016, é fundamental para a prossecução da missão de risco que toda a universidade católica é, a consciência da sua natureza de projeto, coletivo e inacabado. E por isso, ao iniciarmos um novo ciclo, renovamos a insatisfação, o desejo de continuar a experimentar, a inovar para renovar. Tal implica necessariamente responsabilidade para com as famílias, os nossos parceiros e doadores, para com as entidades públicas e o Estado. O serviço de conhecimento que realizamos é público, demonstrando claramente que a diversidade de modelos é fundamental para a afirmação de um sistema científico competitivo. O desígnio não-estatal da UCP em nada retira ao serviço público que realiza, a bem da qualidade do desempenho social, económico e cultural do nosso país e do grande bloco regional europeu em que nos integramos.

### **3. Iniciativas de futuro**

Para este novo ciclo de liderança tenho o privilégio de continuar a contar com a contribuição de uma equipa de notáveis académicos e gestores de ideias. Quero agradecer aos srs Vice-Reitores Peter Hanenberg, Isabel Vasconcelos, Miguel Athayde Marques, José Manuel Pereira de

Almeida, Fernando Ferreira Pinto, Margarida Mano, aos Pró-Reitores Aires do Couto e Isabel Braga da Cruz e à sra Administradora Helena Brissos de Almeida a caminhada conjunta e a determinação para continuar a dar capacidade de aspirar à UCP. Deixo um reconhecimento especial ao Prof. João Duque que liderou durante 13 anos os destinos do Centro Regional de Braga e que agora deixa a equipa reitoral. Teólogo eminente, serviu de forma luminosa o ecossistema da Católica em Braga e foi uma voz que trouxe a singularidade das regiões para a gestão do grande território da UCP. Agradeço-lhe a dedicação, o companheirismo e a ajuda na curadoria da nossa instituição. Dou hoje as boas vindas ao novo Vice-Reitor para Transformação , Colaboração e Assuntos Internacionais, o Prof. Nelson Ribeiro, como novo Pró-Reitor para Braga ao Prof. Paulo Dias, e à Profa Celine Abecassis Moedas, que será a Pró-Reitora para Inovação e Empreendedorismo, agradecendo aos três a disponibilidade para servir e abraçar o grande projeto da Católica.

Numa equipa renovada anunciam-se novos projetos, ou não fora a universidade justamente o espaço da inquietude e da experimentação. Neste próximo mandato iremos avaliar o Plano de Desenvolvimento Estratégico 2020-25 ‘O Valor dos Valores: A Criar Futuro no Presente’ e lançar as bases do novo PDE. Centrando-nos em três eixos focaremos a ação no desenvolvimento e retenção de talento (desenvolvimento das carreiras e a formação de novas lideranças); na renovação do modelo pedagógico e, não menos importante, no desenvolvimento e alargamento infraestrutural. Olhando para a universidade como espaço cosmopolita de entretecimento de saberes, quiçá como aquilo que Claude Lévy Strauss chamava um espaço de *bricolage* onde da junção de métodos, linguagens

e teorias distintas se criam novos objetos, serão lançadas 5 novas iniciativas transversais, a saber

#### **- Iniciativa Transformação Pedagógica e Literacia Tecnológica**

Preparar adequadamente os estudantes significa compreender as linguagens e as estruturas de sentimento do tempo em que operamos e adequar o modelo educativo às suas necessidades. Se a complexidade do mundo exige que os novos graduados possuam capacidades analíticas, pensamento crítico, fluência verbal, também é certo que no tempo da Inteligência Artificial as universidades não se podem dar ao luxo de formar analfabetos tecnológicos funcionais. A iniciativa trabalhará três eixos, a digitalização, a introdução de novas metodologias de ensino, a revisão curricular para favorecer a adoção de disciplinas de missão das áreas das artes liberais ou de disciplinas orientadas por problemas à semelhança das atuais disciplinas ODS e finalmente a integração pelo menos uma unidade curricular de programação e literacia tecnológica em todos os percursos formativos.

#### **- Iniciativa de Excelência para a Ciência e Sociedade**

A acompanhar o apelo da UNESCO para o alargamento do acesso à ciência a todos os atores sociais, a iniciativa promove o reforço de grandes hubs colaborativos entre as unidades de investigação da UCP e parceiros não académicos nacionais e internacionais, o desenvolvimento de doutoramentos em empresa em todas as áreas cultivadas na universidade e inclui uma estratégia de aumento das cátedras de empresa. Ao mesmo tempo institui mecanismos para a participação das talentosas equipas da UCP em grandes projetos internacionais de Big Science, numa lógica de colaboração global transparente e livre, que é a única que pode

superintender a relação científica, que embora partindo do nacional não se esgota nas fronteiras da nação.

#### **- Iniciativa Campus inteligente e sustentável**

Na universidade atual, cerca de 86% dos utilizadores dos campi já utilizam ferramentas de Inteligência Artificial para diversas atividades de cariz académico, desde pesquisa bibliográfica, estruturação de artigos e *streamlining* da atividades de ensino e investigação. Num momento em que vamos iniciar a construção do maior projeto infraestrutural da universidade, o grande campus de conhecimento, Campus Veritati com os seus 53.000m<sup>2</sup> de área edificada, e se projeta o Digital Health Campus junto à Faculdade de Medicina, a iniciativa campus inteligente e sustentável irá promover a aplicação de modelos de IA para gestão e eficiência dos campi, para adoção de medidas de sustentabilidade ambiental e a sua monitorização e para acompanhar a jornada do aluno na sua relação digital com a universidade.

#### **- Iniciativa Longevidade e Inovação**

A criação de um pelouro autónomo de Pró-Reitor para inovação e empreendedorismo tem por finalidade coordenar as políticas de inovação e traslação e bem assim potenciar a capacidade da universidade para a aceleração integrada de projetos empreendedores, estruturar o ecossistema de empreendedorismo da universidade e agregar iniciativas de financiamento de projetos de alunos. A composição demográfica das sociedades europeias, todavia, constitui uma oportunidade para as universidades olharem para novos públicos , abraçarem o desafio de up e reskilling de públicos maduros como olhar a inovação e a criatividade como algo que não é apanágio de gerações mais jovens. Ativar uma plataforma



que articule a longevidade e a inovação constitui uma das tarefas do novo pelouro.

### **- Iniciativa Novas Humanidades –**

A Universidade Católica Portuguesa desenvolveu-se por matricialmente em torno da formação humanística. De modo mais generalizado, poderemos dizer que sem filosofia não existiria a ideia própria de universidade. Na verdade, as humanidades estão na base de qualquer projeto de natureza epistemológica, porque o verdadeiro conhecimento exige a compreensão da razão profunda das coisas. Do mesmo modo, não existe conhecimento sem memória histórica ou sem capacidade de compreensão crítica do mundo, de avaliação estética. Na base do projeto das humanidades está a compreensão e por isso elas são estruturantes da nossa forma de estar no mundo, na forma como pensamos, falamos, analisamos o real e agimos. Por isso, continuamos a ler Antígona quando debatemos a segurança nacional, as Suplicantes para debater o problema da migração, ou o Mercador de Veneza quando se quer compreender o capitalismo. As Humanidades são as guardiãs da nossa humanidade comum.

A iniciativa Novas Humanidades vai recolocar as humanidades como requisito curricular transversal em todas as áreas de saber cultivadas nas faculdades da UCP, sobretudo as de lastro mais profissionalizante, ancorando igualmente um conjunto de projetos científicos piloto de cariz transdisciplinar exploratório com financiamento da própria universidade, e também projetos de traslação para a sociedade e as empresas, e finalmente formação interna para a comunidade. Numa instituição que se olha como projeto, é fundamental educar as pessoas a pensar e agir acreditando justamente na capacidade de reimaginar o futuro e a sua experiência. O poeta alemão Novalis, escreveu num dos seus aforismos

que ‘O mundo tem de ser romantizado. Só assim voltará a encontrar o sentido original. Romantizar nada mais é do que uma manifestação qualitativa de potencial.’ As Humanidades dão-nos outros instrumentos para pensar e compreender o mundo na sua complexidade, como potencial, que não se compagina com a simplificação das narrativas atravessadas pelas ideologias. *Na sua Carta sobre a Literatura*, o Papa Francisco diz justamente que

O olhar da literatura forma o leitor para o descentramento, para o sentido do limite, para a renúncia ao domínio cognitivo e crítico da experiência, ensinando-lhe uma pobreza que é fonte de extraordinária riqueza. Ao reconhecer a inutilidade e, talvez até, a impossibilidade de reduzir o mistério do mundo e do ser humano a uma polaridade antinómica de verdadeiro/falso ou de certo/errado, o leitor aceita o dever de julgar não como instrumento de domínio, mas como impulso para uma escuta incessante (CL, 40)

É para esta escuta incessante que a Iniciativa Novas Humanidades, convida.

Concluo, agradecendo a renovada confiança na equipa para o próximo quadriénio, agradecendo o apoio extraordinário dos nossos parceiros académicos e científicos, nacionais e internacionais. Allow to thank the presence in this ceremony of Rectors and Vice-Chancellors from UCP partner universities and dear colleagues from Spain, Turkey, New Zealand and the UK with a special reference to the Univ. of Oxford and the representation of our much cherished Europaeum University Network. Uma palavra de enorme reconhecimento aos nossos doadores que acreditam na ambição e num potencial que se materializa em crescimento para o país, aos *alumni* que são a verdadeira manifestação do impacto extraordinário da UCP nestes seus quase 60 anos de vida. À comunidade interna, aos

docentes e investigadores e a todos os colaboradores, agradeço o sentido de missão, a responsabilidade, o olhar crítico, a generosidade e a ambição que nos dão orgulho identitário e fazem uma grande universidade, um grande projeto de capacitação para o país e o mundo. A menção final dirijo-a aos estudantes, a Universidade Católica Portuguesa faz-se convosco e para vós. Que o nosso espaço de liberdade signifique o vosso crescimento, que cultive o sentido de responsabilidade, de justiça, no respeito inabalável pela dignidade das pessoas na sua diversidade e no seu contexto, que vos forme para o risco e vos guie no fornecimento de respostas robustas para a solução dos desafios ,e disponibilidade para abraçar as oportunidades que o nosso extraordinário mundo global oferece, cultivando sempre a curiosidade infinita e a imaginação, porque afinal podem descobrir-se maravilhas perseguindo o coelho branco.

Muito obrigada!